

ARTIGO

AO ALÉM DAS DROGAS

Coletânea de pensamentos, para debate

*para Jorge Forbes,
que me incitou à escrita*

4 de novembro de 2010

1. A conversa sobre drogas não é própria ao universo psicanalítico. A categoria “droga” pertence a taxonomia da psiquiatria e do judiciário, que, em seu formato atual, são construções modernas, contemporâneas à nossa ciência “baseada em evidências” e ao Estado gestor da lei – fenômenos dos séculos XVIII e seguintes. Não apenas a drogadição, mas a noção de “droga”, por si, tem a mesma natureza das categorias do DSM e do CID – “droga” é um objeto empírico de função cientificamente (medicamente) apurada. Nada que nos diga respeito, como psicanalistas, se formos radicais.

2. Há um fenômeno mais amplo e historicamente mais consistente na humanidade que é uma pessoa tentar trabalhar o universo externo (natural) para operar transformação de sua condição existencial – buscando nova leitura, re-significação das coisas, ou alcance diverso. É tentar fazer a experiência de vida mudar a partir do corpo. Por esse caminho as pessoas encontram como agentes a comida, o sono, todos os tratos do corpo. O remédio é o alimento em doses ínfimas. A droga, como a vemos hoje, psicoativa, é um regulador do cérebro: acelera (cocaína), abranda (maconha ou álcool), faz imagens festivas (LSD, cogumelos), libera o amor (ecstasy). São simples transformações na experiência de existir, aplicadas em contextos específicos.

3. Esse fenômeno pode ser visto à moda cartesiana: o corpo é outro (estrangeiro) e o homem é sujeito que nele intervém para poder experimentar diferente a vida.

4. O fenômeno pode ser visto também de maneira pré-moderna, como nos trabalhos de Carlos Castanheira: o que o xamã considera “ervas medicinais” se dispõe a proporcionar uma experiência de transcendência. Nas palavras de Don Juan (o xamã que formou Castanheira): “O mundo da vida cotidiana não pode jamais ser considerado uma coisa pessoal, que tenha poder sobre nós, algo que possa nos criar ou nos destruir, porque o campo de batalha do homem não se encontra na sua luta com o mundo a seu redor. Seu campo de batalha está além do horizonte, numa área que é inimaginável para um homem comum, a área onde *o homem deixa de ser um homem*”. Há um trânsito, uma tentativa de transcendência existencial. A proposta pré-moderna do xamã tem enorme apelo no mundo pós-moderno. Castanheira comenta o que dizia Don Juan: “era energeticamente imperativo os seres humanos entenderem que a única coisa que importa é o seu encontro com o *infinito*. Don Juan não conseguia reduzir o termo *infinito* a uma descrição mais compreensível. Ele dizia que o termo era energeticamente irreduzível. Era algo que não podia ser personificado ou mesmo aludido, exceto em termos vagos como *infinito*, ‘*lo infinito*’”. Olhando os ritos do xamanismo, em que a natureza é incorporada como disruptiva (nas

ervas medicinais) e depois os fenômenos da alucinação ganham significação singularizada, fica bastante tentador dizer que a droga se torna catalizadora do trajeto entre transcendência e imanência, produzindo uma outra cena e a saída dessa cena. No entanto, o que se produz, segundo Castanheda, é o trânsito a realidades de consistência diferente.

5. A diferença entre as drogas urbanas, industriais, e as do xamanismo, é que as primeiras se disseminaram como fenômeno hipermoderno (Lipovetsky). São publicadas sem significação. Já no xamanismo há um curto-circuito inicial da linguagem, causado pela droga, mas ele é logo suprido por significação, que a própria cultura xamânica propicia. Isso circunscreve o fenômeno: ele fica artesanal, taylor-fitted, escapa de ser genérico e industrial.

6. No entanto, se a droga industrial é publicada sem significação, não creio que o jovem atual faça uso dela sem significação. Ele tenta realizar a mesma busca de transcendência (saída, escape) que o aprendiz de xamã. Existe uma relação, nessa busca, com sua angústia – muito singular.

7. Como tudo o que tem saída é cômico, não trágico, a perspectiva da droga é a de criar um ponto de Arquimedes para tentar mover o insuportável de si mesmo e tornar cômica a vida que seria trágica.

8. O uso da droga é quase como uma reclamação porque a morte (transcendência que resolveria tudo) demora demais a chegar. Lembra Lacan dizendo: “você fazem bem em crer que vão morrer, é claro. Isso os sustenta. Se vocês não acreditassem nisso, vocês poderiam suportar a vida que têm?”.

9. (Faz lembrar também Chico Buarque: “e a gente vai fumando que também sem um cigarro, ninguém segura esse rojão” – a sorte do cartesiano Chico, que se acredita sujeito do próprio corpo, na ignorância do que ele canta, é que o cigarro tem efeito placebo).

10. Entendo que a experiência da psicanálise, indicando como alguém pode encontrar transcendência em si mesmo, substitui a droga e a ingenuidade da tentativa de interceder sobre si pelo corpo. Ela ensina que a dor de alguém não é o “rojão” da ditadura, como cantou Chico no governo militar, nem, como se canta hoje, o mercado em crise, o desemprego ou o filho que chora no berço à noite, mas que a dor humana é uma angústia tão pessoal quanto uma impressão digital, e que a experiência da travessia da angústia abre portas a demasiadas transcendências – e aí sim a vida deixa de ser trágica, e aparece o riso.

11. O drogado procura no trânsito entre realidades de consistência variada a transcendência que o real (de Lacan) proporcionaria. É claro que o drogado não a encontra.

12. Entendo, portanto, que o Estado moderno não tem alcance expressivo sobre o uso de drogas. Nem a criminalização, nem a descriminalização têm sido significativas sobre os números de incidência – ao que sugerem os dados entre as variadas políticas européias. A radical diferença entre proibir e permitir o uso de drogas, entre países europeus, não trouxe variação notável nos números de usuários.

13. As políticas públicas de combate às drogas encontrarão apenas soluções sociológicas, como a redução do crime organizado ou alívio do uso de hospitais. Mas os acertos de

políticas públicas são incapazes de transformar a relação das pessoas com seus corpos e a transcendência. Políticas públicas não tratam o fenômeno pontual da drogadição. A cada erradicação, a tendência é haver substituição da “droga” por outra de mais fácil acesso.

14. A exceção que confirma a regra parece estar na história da China. Embora os dados históricos não sejam oficiais, mesmo os detratores do regime comunista chinês indicam que, na entrada do comunismo, a política transformou radicalmente as formas de satisfação da sociedade e conseguiu minguar a adição ao ópio, ao mesmo tempo em que queimou as plantações. Apenas a queima ou proibição das plantações não seria suficiente.

15. Se os motivos acima não são bastantes para defender o não alcance das políticas e legislações sobre a drogadição, lembro Freud: a ordem estabelecida pelo superego a que as pessoas crêem poder fugir (transcender) com a droga é de um rigor que muitas vezes excede as normas do pai em casa ou da polícia nas ruas. A experiência singular da psique, mesmo no Édipo mais “vitoriano”, não se sensibiliza com a norma externa, com a condição sociológica. A relação com o corpo e com o real está em lugar mais íntimo do que alcança o olhar do policial ou do sanitarista que trate a droga como categoria biológica.